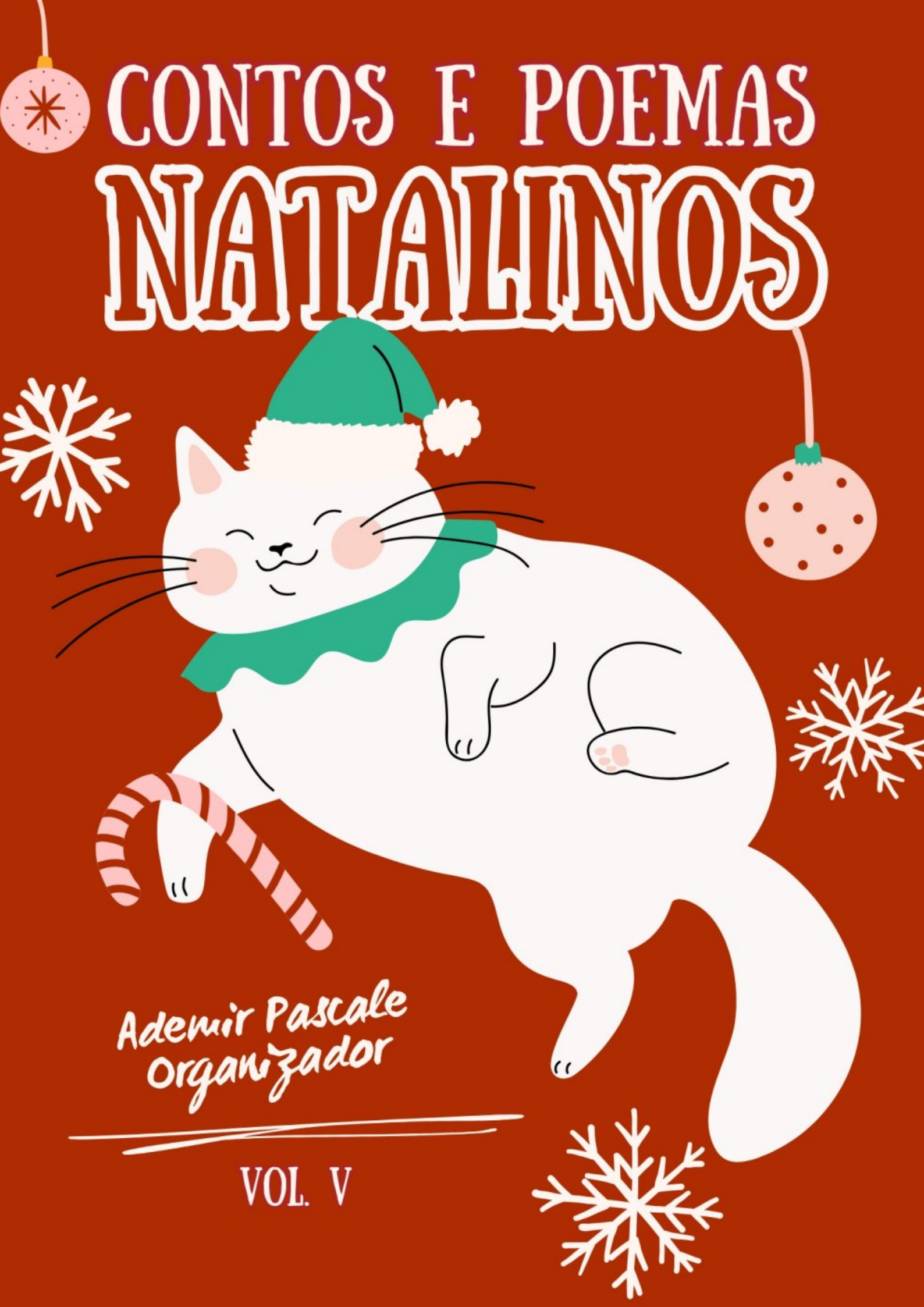




CONTOS E POEMAS NATALINOS

Ademir Pascale
Organizador

VOL. V

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-84402-2
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO



O SEGREDO DA NOITE SILENCIOSA, POR AMANDA CORVELL, PÁG. 05
FANTASMAS DE NATAIS PASSADOS, POR CACÁ ALBERTO, PÁG. 08
COMIDINHAS DE NATAL, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 13
TROVINHAS PARA 25 DE DEZEMBRO, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 15
O QUE ACONTECE TODA VÉSPERA DE NATAL, POR CLARISSA MACHADO, PÁG. 17
NATAL NO CHALÉ NA MONTANHA ROSADA, POR DENISE PERES MARTINS, PÁG. 20
O CARTEIRO DE GREENVILLE, POR ISABEL BOEIRA, PÁG. 25
SEMPRE É NATAL PARA MIM, POR MARIA DO CARMO NOGUEIRA SOARES, PÁG. 28
FELIZ NATAL, CAUÊ, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 32
CORAÇÃO DE MADEIRA - A CANÇÃO DO NATAL ESQUECIDO, POR ROMÃZINHA MARIA, PÁG. 38
SONHOS DE NATAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 44
A VELA DE NATAL, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 46
NATAL, BAILE DA GUIRLANDA DA VIDA, POR SILVANILDE MATOS, PÁG. 49
CONTUDO, CONTO NATALINO..., POR SOPHIA ODARA, PÁG. 51
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 55

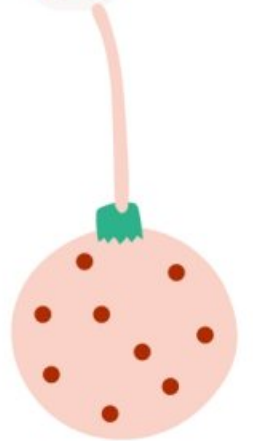




CONTOS E POEMAS NATALINOS

VOL. V

*Ademir Pascale
Organizador*





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O SEGREDO DA NOITE MAIS SILENCIOSA

POR AMANDA CORVELL

Natural de Curitiba, Amanda Corvell é enfermeira de formação, pesquisadora por vocação e escritora por respiração. Na tensão entre o rigor da ciência e o caos da criação, encontra o tom exato de seus versos, onde o corpo vira poema e a palavra vira cura. Entre plantões e pesquisas, tece literatura como quem encontra ritmo no batimento cardíaco e métrica na respiração. Acredita que escrever é também um ato de cuidado: com as palavras, com o mundo, consigo mesma.

Alice tinha seis anos, e o mundo ainda cabia em segredos. O maior deles era que, naquela noite, Papai Noel traria "Poeminha", a boneca mais linda de todos os catálogos, que recitava versos quando se apertava seu bracinho.

A casa cheirava à lasanha que a mãe preparara para a ceia, um perfume de queijo e aconchego que impregnava os cômodos. A árvore de Natal cintilava no canto da sala. Cada enfeite era uma pequena joia de vidro, e as luzes piscavam como vagalumes presos nos galhos. Do lado de fora, a casa anexa — aquela construção de tijolos à vista — parecia dormir um sono profundo. Mas Alice sabia que era dali que a magia chegaria. "É pela chaminé da casa anexa que o Papai Noel vai entrar," sussurrou para Diana, sua Pastora Alemã. A cachorra, bela e imponente, deitada a seus pés, ergueu as orelhas e abanou o rabo lentamente, como se guardasse o segredo com ela.

Diana era sua sombra e sua confidente. Com quase sete anos, era séria, mas doce e protetora, e naquela noite parecia entender que algo importante estava prestes a acontecer. Seus olhos âmbar seguiam cada movimento de Alice com uma solenidade canina.

A hora de dormir chegou, um tormento de expectativa. Alice foi para a cama, mas o sono não veio. Ela ouvia os ruídos suaves da casa se acalmando e o som distante de uma música de Natal na TV da sala. Diana, deitada no tapete ao lado da cama, respirava fundo, um ronco suave de tranquilidade.

Foi então que Alice ouviu. Não eram passos de renas no telhado, mas um ruído metálico e abafado, vindo da direção da casa anexa. *Ele está aqui*, pensou, seu coração batendo como um passarinho assustado na gaiola do peito. Ela se debateu entre a vontade de correr para a sala e a ordem de ficar na cama. O medo de estragar a magia foi maior. Ela fechou os olhos com força e fingiu dormir, agarrada ao cobertor.

Na manhã seguinte, o mundo amanheceu banhado em ouro. Alice acordou com os primeiros raios de sol e correu para a sala. E lá, sob a árvore cintilante, ao lado das meias com doces, estava uma grande caixa, embrulhada em papel vermelho.

Com mãos trêmulas, ela rasgou o papel. E lá estava: Poeminha. Era ainda mais linda pessoalmente. Tinha olhos castanhos, exatamente como os de Alice, e um vestido rosado de cetim. Com o coração aos pulos, Alice apertou seu bracinho macio.

Uma voz mecânica, doce e clara, encheu o silêncio da sala: "Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão..."

Alice riu, um som de pura felicidade. Foi o Natal mais feliz. Poeminha nunca saiu de seus braços, recitando seus versos para qualquer um que visitasse. Seria, para sempre, sua boneca preferida. Diana seguia-a por toda parte, cheirando os sapatos novos da boneca com curiosidade, suas orelhas erguendo-se a cada "Batatinha...". Tudo era perfeito.

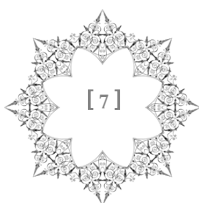
A verdade veio muitos anos depois, numa conversa casual de família. Sua mãe, rindo da própria lembrança, contou o desespero ao descobrir que as pilhas de Poeminha não estavam incluídas e todos os lugares para comprá-las estavam fechados.

"E seu pai," ela disse, os olhos brilhando, "teve que se enfiar naquela casa anexa fria, no meio da noite, para procurar as pilhas certas numa velha caixa de ferramentas. Ele fez tudo, muito quieto, com medo de você acordar. Eu fiquei de vigia na porta, e a Diana, coitada, ficou me olhando, com a cabeça inclinada, sem entender nada."

Alice, agora uma adolescente, ficou em silêncio. O castelo de segredos não desabou; ele se transformou. A magia não havia morrido. Ela havia se transfigurado em algo mais raro e profundo: o amor.

Hoje, aos quarenta e quatro anos, sempre que monta sua própria árvore de Natal e sente o cheiro de lasanha no forno, ela se lembra. Lembra de Poeminha, da árvore cintilante e da certeza que habitava seu coração de seis anos. Mas, sobretudo, lembra dos pés descalços de seu pai no chão frio, da vigia silenciosa de sua mãe na porta e da fiel Diana, guardiã de um segredo que ela nem mesmo compreendia, todos conspirando no meio da noite para que a pequena Alice acordasse e encontrasse, sob a árvore, não apenas um presente, mas a prova incontestável de que era amada.

Era isso, e ela entende agora. O verdadeiro milagre de Natal não vem pela chaminé. Vem pelo amor silencioso que se arrasta no escuro, atrás de uma pilha, só para ver a luz da manhã brilhar nos olhos castanhos de uma criança que acredita em poemas.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

FANTASMAS DE NATAIS PASSADOS

POR CACÁ ALBERTO

Cacá Alberto é o pseudônimo literário de Carlos Alberto da Silva Frias Neto, médico cirurgião vascular e professor de medicina. Se na medicina lida com a precisão da anatomia humana, em sua escrita explora a complexidade da alma e os dramas que pulsam sob a pele. Nos momentos livres, dedica-se à arte dos contos e da poesia, onde sua imaginação encontra a liberdade que a rotina hospitalar não permite.

Eu já havia guardado todas as coisas que precisava, mas fui procurar algo que eu queria — sem ter certeza se precisava. Procurei por um longo tempo no escritório dentro de casa e depois fui revirar a despensa nos fundos da casa.

A despensa era o reino do caos. Prateleiras cheias de coisas que “um dia podem ser úteis”. Caixas sem nome. Pilhas antigas de revistas, ferramentas, enfeites de Natal, sacolas que guardavam outras sacolas.

Adorava ela, mas a bagunça que ela deixava nesse cômodo não colaborava com nenhum tipo de busca racional.

Depois de uns quinze minutos revirando caixas e subindo em banquinhos, desisti.

Saí da despensa com as mãos vazias e o peito apertado — não só pelo esforço físico. Soltei o ar devagar, me resignando.

Meu pai apareceu no corredor e veio me abraçar de novo:

— Pode ficar mais uns dias, se quiser.

Um intervalo em silêncio.

Ele respirou fundo antes de continuar:

— Sinceramente... não me agrada nem um pouco a ideia de não ter mais ninguém aqui comigo.

— Obrigado, pai. Mas já me organizei. E volto sempre que der.

Ele franziu a testa, como quem tenta enxergar melhor algo que eu estava escondendo.

Diferente do que costumava fazer, resolveu ser mais direto:

— Não quer falar alguma coisa? Óbvio que não está tudo bem. Sei que não sou sua mãe, e não sei dizer sempre o que você precisa ouvir...

Outro pequeno intervalo, como se estivesse reunindo coragem.

— Mas estou aqui sempre que precisar. E tenho certeza de que ela não ficaria feliz vendo você triste o tempo todo.

Dei de ombros, me sentindo meio encurralado naquela conversa.

Mais um abraço rápido, daqueles com tapinhas nas costas que dizem mais sobre a dificuldade de expressar que sobre a falta de sentir. Depois fui buscar minha mochila e minha mala lá dentro.

Antes de sair, resolvi passar uma última vez no meu quarto.

Empurrei a porta devagar. O quarto tinha cheiro de tempo parado: madeira antiga, livro fechado, e um resto de perfume dela — algo entre lavanda e jasmim — escondido em algum lugar que eu não sabia identificar.

Olhei em volta. A cama arrumada, o abajur no mesmo lugar de sempre, alguns livros empoeirados na estante, uma caneca com canetas secas.

Por reflexo, comecei a mexer nas coisas, como fazia quando era adolescente tentando evitar estudar. Abri a porta do armário, passei a mão nas roupas que eu não usava mais, remexi cadernos antigos, abri gavetas.

Na última gaveta da mesa de estudos, enfiado lá no fundo, ali estava ele: uma edição antiga de Um Conto de Natal, do Charles Dickens.

Era o nosso livro.

Fiquei alguns segundos olhando para a capa gasta, tentando lembrar a última vez que o tinha visto. Eu tinha quase certeza de que aquele livro não estava ali quando saí de casa da última vez.

Veio a pergunta à mente: Será que ela colocou aqui antes de falecer?

Acredito que sim. De qualquer forma, facilitou minha busca.

Ela sempre lia aquele livro comigo perto do Natal. Mesmo quando eu já sabia a história inteira, ela insistia em reler. Dizia que certas histórias são tão boas que não eram para ser só “sabidas”, mas deviam ser lembradas e relembradas.

Sentei-me na cama, com o silêncio do quarto me cercando, e comecei a folhear.

As páginas tinham aquele amarelo suave que só o tempo sabe fazer. Aqui e ali, anotações pequenas na letra dela — comentários sobre alguma fala do velho Scrooge, sublinhados em frases que, na época, eu achava que não queriam dizer muita coisa.

Até que cheguei ao final, na cena em que Scrooge carrega o pequeno Tim nos ombros.

Bem ali, na margem da página, havia uma anotação dela, escrita com a letra um pouco mais trêmula do que eu lembrava:

“Enquanto você lembrar, será Natal para mim.”

Parecia que alguém tinha acendido uma luz em um cômodo dentro da minha mente, que eu achava que nem dava mais para ligar.

Lembrar.

Ela se referia a duas coisas diferentes:

Lembrar dela.

E lembrar da mensagem de Dickens.

Não lembro de alguma vez na vida ter tido algo como um “insight”. Nada de música subindo, câmera girando, mundo rodando junto. Mas ali... foi o mais perto disso que já cheguei.

Anos depois, quando meu filho nasceu, tive outro. Mas esse foi o primeiro.

Uma chave virou lá dentro — silenciosa, mas firme.

Até então, eu tinha me enchido de mágoa, tristeza e raiva quando ela morreu. Me vi completamente incapaz de lidar com a ausência da pessoa que eu mais amava, ainda mais depois de todo o sofrimento que ela passou.

Ao ler a mensagem dela, nada desapareceu como num passe de mágica. A tristeza não sumiu. A saudade não fez as malas. A dor não pediu desculpas e foi embora.

Só mudou de aparência.

O foco saiu daquilo que me apertava o peito e se voltou devagar para aquilo que aquecia.

Não houve resistência à mensagem. Eu não discuti, não argumentei, não fiz barganhas internas. Simplesmente deixei entrar. A ideia se assentou dentro de mim com uma naturalidade quase sobrenatural. Um “fantasma” tinha vindo me visitar...

Ainda assim, não deu para evitar um sorriso irônico no canto da boca.

“Não tem nada de simples nem de fácil em aplicar isso aqui, mãe”, pensei.

Fechei o livro, segurei entre as duas mãos, como que protegendo um tesouro.

— Mas eu entendi — sussurrei para o quarto vazio. — Talvez eu não consiga fazer isso tão bem quanto o velho Ebenezer, mas... eu vou tentar.

Levantei-me da cama com a sensação de que algo, muito delicadamente, tinha mudado o eixo do meu mundo. Saí do quarto com o livro na mão, deixei a mochila no chão da sala e disse para o meu pai:

— Acho que vou ficar mais uns dias.

Ele não perguntou o motivo. Só assentiu, com um meio sorriso cansado, e foi colocar água para o café.—

Anos depois, olhando para trás, eu certamente não posso dizer que tenha sido tão bom quanto o Ebenezer Scrooge depois da noite dos três espíritos. Não virei um santo, não passei a abraçar desconhecidos na rua nem a distribuir presentes em sacos vermelhos todos os dias.

Mas posso garantir uma coisa: fiz meu melhor para ser menos duro comigo mesmo e um pouco mais gentil com as pessoas que me cercam — fossem conhecidas ou não. Aprendi a ouvir mais, a julgar menos, a aparecer nos Natais, a ligar fora de época, a lembrar que a vida é curta demais para guardar rancor como se fosse troféu. E até distribuía sim alguns presentes em sacos vermelhos sempre que podia...

Quando meu filho começou a juntar as letras e a decifrar o mundo dos livros, não tive dúvidas. Levei-o até a estante, peguei aquele mesmo exemplar de Um Conto de Natal e coloquei nas mãos dele.

Ele estranhou a capa antiga, folheou sem entender muito e me olhou, curioso:

— É bom?

Pensei na minha mãe, no quarto, na anotação na página final, em meu pai na cozinha preparando café, em todas as pequenas mudanças que aquele livro tinha provocado em mim.

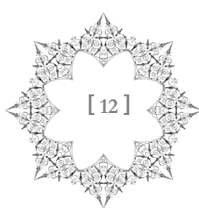
Sorri.

— É. E, se você deixar, ele fica ainda melhor a cada Natal.

Se você está lendo isto agora — onde quer que esteja, com ou sem pisca-pisca na janela, com mesa cheia ou silenciosa, com o coração leve ou meio remendado...

Feliz Natal para você.

Que, enquanto a gente lembrar, ele continue chegando.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

COMIDINHAS DE NATAL

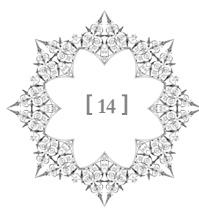
POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

A cultura do Natal
É muito rica, afinal,
Para alguns, mariscos
Para outros, petiscos.

Há quem coma biscoitinhos,
E há quem prefira os sorvetinhos;
Mas o vilão é, com certeza,
O arroz com passas na mesa!

Só de falar em passa,
A polêmica começa e não passa
E quase todo mundo esquece
Do pernil, do tender e do chester...





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TROVINHA PARA 25 DE DEZEMBRO

POR CLARISSA MACHADO

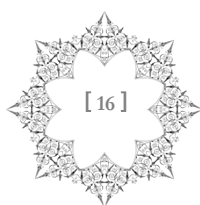
Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

Uma canção, um cordel
Será Papai Noel lá no Céu?
CRIANÇAS,
Hoje há tender com mel!

Um poema, uma trilha de luz
É o dia de Jesus!
FAMÍLIAS,
É hoje que o amor reluz.

Natal não é só festa
Mas na festa: comida.
AMIGOS,
Natal não é só ceia.

Mas é ali na mesa...
Que representamos,
TODOS NÓS,
O Mestre e seus apóstolos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O QUE ACONTECE TODA VÉSPERA DE NATAL

POR CLARISSA MACHADO

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa, e pós-graduanda em Neurociências da Educação. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)".

Seis da manhã
E aquele afã
De preparar tudo logo
Mas como cada pessoa tem seu modo...

Cadê a passa e a avelã para o arroz?
Alguém trará as nozes depois?
Chester, tender e bacalhau
Um forno só é surreal!

Acontece toda véspera de Natal
De sempre faltar uma coisa
O sorvete com panetone
O doce de leite no cone.

Jantar só na hora da ceia
Até lá, biscoitos de aveia
E torradas com patê
Pois o *pavê* é só *pra vê*.

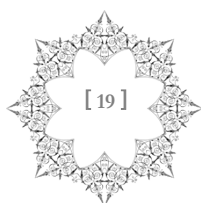
Nessa época, a casa fica calorosa
Com aquele cheirinho de rabanada no ar
O pastel de queijo minas a cozinhar
E a torta de banana com canela a assar.

Na janela, o balançar dos festões
O som de sinos e sinões
O pisca-pisca a tocar uma canção
E Jesus vivo em meu coração.

Chega a hora da oração afinal
Do teatro, da crônica e do coral

E eu perdida na cozinha
Gritando *Boas Festas* para a vizinha.

Acontece assim na véspera do Natal
Na porta, um sapato especial,
Calor, suor e uma chuva leve
De sabão em pó para fingir que é neve...





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

NATAL NO CHALÉ NA MONTANHA ROSADA

POR DENISE PERES MARTINS

Advogada, Licenciada em Letras (Português-Inglês), Escritora, Licenciada em Pedagogia.

Amante das Letras. Operadora das leis. Investigadora de arcaísmos/preciosismos. Apaixonada por metodologias pedagógicas. Fascinadas pelos processos mentais da aprendizagem humana. Inabalável ânsia linguística. Faz estudos sobre a relação entre o processo de aprendizagem e a memória espiritual. Amante do imagético, da eternidade, do amor atemporal, dos dias estrelados e das noites com sol.

Instagram: @escritoradeniseperesmartins

Facebook: Denise Peres Martins – Poetisa

<https://www.facebook.com/denise.peresmartins.1?mibextid=ZbWKwL>

LinkedIn: <https://br.linkedin.com/in/deniseperesmartins>

Numa terra muito, muito distante, ficava a montanha rosada iluminada pelo sol lilás.

Ela tinha dias estrelados e noites com sol.

O vento noroeste fazia nossos cabelos dançarem no movimento do ar.

Ali éramos felizes o dia inteiro.

Celebrávamos o tempo juntos, a natureza, a beleza, o amor e a magia.

Viajávamos no carro vermelho do meu avô Rubens.

O carro se chamava Rudolph. Sim. O carro tinha nome. Por que não teria?

Recordo de quando era Natal e colocávamos decorações natalinas no Rudolph. Ele nunca se importou, nem meu avô. Ambos davam risadas das guirlandas e nariz de rena.

Rudolph estava com o vovô desde que foi construído. Era seu primeiro e único dono. Uma vida inteira unidos. Envelheceram juntos. Inseparáveis.

O Natal na montanha rosada simbolizava um cenário mágico e imagético de recomeço e alegria. Era sinônimo de pura felicidade. A festa mais esperada na cidade!

Quantas lembranças de afeto e saudosismo eu guardava em meu imaginário natalino daqueles montes repletos de pinheiros e araucárias.

Nosso chalé na montanha rosada era de madeira com cheiro de pinho. Telhado vermelho. Porta azul claro.

Do forno de casa saiam os mais deliciosos biscoitos natalinos com glace real que você já experimentou.

A ovelha Genevive sempre vinha nos receber no portão junto da estrada. Ela vibrava com a casa cheia.

Assim que eu chegava o Ypê rosa me abraçava. Havia tanta sintonia entre a gente.

O chalé tinha aroma de baunilha, candelabros reluzentes, taças de cristal e porcelana fina.

Meu avô era procurador do município na cidade grande. Mas no campo ele era só um jardineiro determinado. Nada de doutor por aqui, ele dizia.

O povoado da montanha rosada era acolhedor e festivo. Eles tinham um traço característico, bochechas rosadas e sotaque próprio.

Era uma vila dos sonhos. Do tipo que só se encontra em contos.

Um vilarejo de frio com sol, chocolate artesanal, perfume de forno a lenha misturado ao cheiro de mato.

Nosso chalé era cercado por árvores frondosas, pinheiros, ipê e palmeiras imperiais. Cada pé de flor tinha um nome. Era tudo nominado. Assim que meu avô gostava. E eu também.

Tinha Josefina, o Ubaldo, a Cremilda, a Fifi, Genevive, o Rudolph, entre muitos outros.

Um dia de tarde ensolarada, resolvemos pintar um quadro retratando o nosso chalé e ao fundo a montanha rosada.

Meu desenho ficou feio de dar dó. Mas o do vovô ficou sublime. Artístico. Digno de quadro na parede da sala de estar sobre a lareira.

Meu avô ensinava a importância da amizade, personalidade e solidariedade.

Como eu amava estar lá.

O vento balançava as folhas iluminadas e sempre me despertava efeitos sensoriais enquanto as fadas jogavam aos quatro cantos poeira dos seres celestiais.

E eu pensava: — *A beleza da vida está em tudo, principalmente nas coisas mais triviais.*

Sim. Quando eu sentia a brisa noroeste em nosso jardim florido no chalé na montanha rosada sabia que as fadas natalinas estavam festejando e alterando a força do vento com suas asas.

Contos de Natal completavam a celebração. Ode festiva na confraternização.

Nosso quintal tinha luzes e mais luzes suficientes para iluminar a vila.

O presépio montado direitinho. Vóvó dizia que os três reis magos estavam a caminho.

Vóvó sempre caprichava nas sobremesas. Ela sabia da minha alma de açúcar e que em minhas veias corria um delicioso leite condensado.

Tinha a hora da prece, da ceia e dos presentes. Evento que era puro deleite.

Cookies e leite morno para o papai noel. E para nós muito amor, fé e tender besuntado de mel.

Na ceia de natal avô Rubens abria a porta do chalé para todos. Sim. Toda vizinhança era convidada.

Sabíamos os nomes de todos os vizinhos, sobre suas vidas e suas histórias.

No dia 25 de dezembro eu sempre acordava ansiosa para ver o sol lilás passando através das cortinas e iluminando a manhã de natal.

Em seguida eu ia até a árvore de natal ver o presente que o papai noel deixou e o cartão dele para mim. O bom velhinho sempre sabia o que dizer. Ele me conhecia do avesso.

Lembro-me até hoje do ultimo cartão de natal deixado. Ele dizia:

— *Feliz Natal! Continue sendo uma boa menina. Desejo que seus sonhos se realizem e que seu coração esteja sempre cheio de esperança, caridade e felicidade. Lembre-se de que o nosso feliz natal é a gente que faz. Nunca deixe ninguém para trás. Que cada estrela no céu seja um desejo de felicidade realizado para você.*

Nesse dia 25 após o almoço eu fui ao quintal do chalé e vi um pinheiro triste. Ele estava sem luzes, com folhas secas, desmantelado.

Chamei o vovô para me ajudar a enfeitá-lo com luzes e decoração. Tudo que a gente colocava caia no chão. Ele estava tão fraquinho que não aguentava uma luzinha. Dei nome a ele de Esperançoso.

Meu avô desistiu e entrou na casa para fazer a sesta da tarde.

Eu fiquei lá no jardim, ao pé do pinheiro triste. Rezei pela saúde do Esperançoso e adormeci.

Quando acordei fiquei extasiada com sublime visão.

As estrelas desceram do céu e enfeitaram o pinheiro, iluminando toda vila. Assim que eu abri os olhos, o pinheiro Esperançoso sorriu e agradeceu dizendo:

— *Prece de criança tem caminho direto no céu. Obrigado por se preocupar e não me deixar para trás.*

Essa noite eu fui dormir satisfeita. Afinal fiz um novo amigo e descobri o caminho para o céu.

Acordo no dia seguinte, já adulta, no meu apartamento de frente para o mar na cidade grande, rodeada de concreto.

Percebo que não sei o nome dos vizinhos, e todos mal se cumprimentam.

Na parede da sala o quadro do nosso chalé na montanha rosada, com moldura dourada ornando com os candelabros.

Na poluição do céu, as estrelas se escondem.

Diante de tantos arranha-céus o vento não circula e as fadas sumiram.

Pela janela, ao longe vejo na rua um grupo de crianças tristes embaixo de um coqueiro.

Desço pelo elevador e sigo em direção a elas.

Como elas podiam estar sozinhas na rua com tão pouca idade na véspera de Natal?
Eram crianças de rua. Sujas e famintas.

As convido para passar o natal em casa. Elas aceitam desconfiadas. Mas a fome fala mais alto.

Entram no elevador do meu prédio deslumbrados com o funcionamento do elevador.

Chegando a casa elas comem, bebem, tomam banho, trocam de roupas, e ao final da noite se sentam comigo ao pé do meu pinheiro de natal artificial de mulher adulta de metrópole.

Mostro para eles o quadro do meu amado chalé.

Conto todas as histórias, nomes, personagens das minhas aventuras nas montanhas rosadas.

Explico sobre a magia daquele lugar e sua atemporalidade em meu coração.

Eu e as crianças rezamos juntos sob a árvore de Natal.

A linha entre o sonho e a realidade se confundem.

Que saudade da saudade do que é saudoso.

Caímos no sono todos juntos ao pé da arvore de natal.

Logo em seguida vejo o Rudolph animado com a decoração natalina que faremos nele. A Genevive correndo alegre com a nossa chegada. As fadas voando em seus trajes natalinos. Vovô e vóvó organizando o chalé para o Natal.

Fico extasiada em felicidade em finalmente voltar para minha verdadeira casa na certeza que não deixei ninguém para trás.

As crianças levam consigo as histórias que contei e prometem recontá-las aos seus filhos quando forem adultos. Um deles promete: — *Vou transformá-la em livro para sua história viver para sempre.*

E assim o Natal no chalé na montanha rosada se perpetuou pela eternidade.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O CARTEIRO DE GREENVILLE

POR ISABEL BOEIRA

Isabel Boeira é graduada em Letras pela Unisinos e mestre em Estudos Lusófonos pela Universidade de Évora. É professora (licenciada) de língua portuguesa na prefeitura de Porto Alegre/RS e professora de língua inglesa na prefeitura de Esteio/RS. Atualmente, Isabel Boeira reside nos Estados Unidos da América.

Todos os dias, as casas coloridas e charmosas da pequena Greenville recebiam a visita rápida e alegre do carteiro mais antigo da cidade. Ele trabalhava nos Correios há mais de 30 anos, e conhecia os moradores da região como se fossem da família.

“Bom dia, dona Rose, como vai?”

“Tudo bem, Seu George? Tenha um ótimo dia!”

O carteiro entregava as correspondências, cumprimentava os moradores e espalhava sorrisos largos. Gostava de falar com todos e recebia de volta o carinho das pessoas com quem cruzava.

O Natal estava se aproximando e, com ele, o fluxo de trabalho nos Correios aumentava consideravelmente. Cartas, presentes e cartões postais eram enviados e recebidos por quase todos os moradores da cidade. Exceto os que viviam na rua conhecida como a “vila dos solitários”. Era uma longa avenida de casas onde moravam basicamente pessoas em idade avançada, viúvas e sem família por perto. Era a única rua onde o carteiro quase nunca entrava, a não ser para entregar as contas rotineiras.

Sempre que passava por aquela esquina, ele observava alguns moradores em suas janelas, reclusos. Esperavam por alguma correspondência, uma notícia, uma mensagem que nunca vinha. Alguns idosos, já desesperançosos, entretinham-se varrendo suas calçadas, sem mais aguardar um contato.

De volta ao prédio dos Correios, o carteiro sentou-se em sua cadeira, acessou o computador e passou a pesquisar o nome dos moradores daquela rua incomum. Pensou que, para aquele Natal, podia fazer algo diferente e, quem sabe, levar um pouco de compaixão para corações que pouco ou nada mais esperavam da vida.

Na prateleira do escritório, havia alguns cartões natalinos. Ele comprou 20 deles e passou a escrever:

“Querida Senhora Mary River, desejo-te um Natal especial e repleto de amor.”

“Caro Senhor Bill Weber, que tenhas um abençoado e próspero Natal!”

“Querida Senhora Celine Soares, que o dia de Natal seja lindo e cheio de paz!”

Assim, o carteiro de Greenville escreveu cartões para cada um dos moradores da “vila dos solitários”.

Já eram 8 da noite quando ele deixou os correios. No caminho de sua residência, passou na floricultura que costumava ficar aberta até as 10 horas, comprou 20 botões de rosas e foi para casa.

Na véspera do Natal, seus colegas de Correio saíram mais cedo. Uns, viajaram para passar as festividades de fim de ano na casa de parentes. Outros, foram para suas próprias casas preparar a ceia natalina com suas famílias. O carteiro, porém, ficou. Esperou todos saírem, envelopou os cartões e os atou junto às rosas. Colocou tudo numa caixa de entrega e saiu em direção à rua dos solitários.

O mensageiro bateu porta por porta. “Entrega para a Sra. Judith”; “correspondência para o Sr. Sam”; “presente para a Sra. Alice”.

A cada porta que se abria, um olhar surpreso e comovido, um sorriso contido e emocionado, uma lágrima tímida e insistente. Os moradores daquela rua, naquela noite especial, ganharam mais que cartas e flores. Receberam carinho, atenção e afeto, algo inestimável e que há muito tempo não sentiam.

Cada reação de alegria, emoção e gratidão era, de certa forma, um presente, uma recompensa ao carteiro e seu gesto afetuoso.

Depois de entregar todos os cartões e rosas, o carteiro finalmente chegou à sua casa. Fechou a porta e suspirou fundo, sentindo-se satisfeito com sua ação de Natal. Em seguida, abriu uma garrafa de champanhe, serviu uma pequena taça e sentou-se na poltrona. Da sala de estar, podia ouvir risos e conversas alegres que vez ou outra chegavam das casas vizinhas. Ele olhou o retrato de sua esposa que estava sobre o balcão, sorriu e ergueu a taça, “feliz Natal, querida! Que seja linda a sua noite natalina aí no céu!”

O carteiro de Greenville teve um Natal tranquilo e feliz. Em momento algum, sentiu-se sozinho ou triste, porque experimentar a paz e a felicidade só dependia de um coração bondoso e grato, cheio de amor e recordações bonitas. E isso era exatamente tudo o que o carteiro de Greenville tinha.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

SEMPRE É NATAL PARA MIM

POR MARIA DO CARMO NOGUEIRA SOARES

A autora se chama Maria do Carmo Nogueira Soares, é professora de Português e Literaturas e especialista em Leitura e Produção Textual. É brasileira, gaúcha nascida em Pelotas no ano de 1960, casada. Têm duas filhas e quatro netos. Atuou como professora estadual por 25 anos e como professora municipal por 27 anos. Amante da leitura e da escrita.

Quando criança eu ouvia os adultos conversarem sobre a importância dos presentes, no Natal, eles falavam em brinquedos, alguns questionavam-me qual era a minha expectativa em relação ao presente natalino, mas algo bem mais forte se movia no meu interior, e eu na minha tenra idade não conseguia expressar este sentimento tão forte e sublime, porque me enchia de felicidade, a ponto de fazer com que eu tremesse de emoção, era como se uma magia me envolvesse por inteiro, mas eu não sabia explicar, parecia que inexistiam palavras para serem ditas.

As luzes, o colorido, a variedade de árvores natalinas sempre me alegraram muito, mas ainda não justificava o que eu sentia, ao ouvir a história do nascimento de Jesus, aquele bater de porta em porta de José, procurando um local para que Maria trouxesse o menino Jesus ao mundo, eu sempre chorava, as pessoas (família, professores, amigos); tentavam me consolar dizendo que uma manjedoura também foi um local para Jesus nascer, e que não importava o local, mas o que movia as lágrimas na minha face era o fato de que àquelas pessoas, naquele passado distante não se colocavam no lugar do próximo, oferecendo qualquer cantinho dentro de seu imóvel, ou barraca.

É claro que como todas as crianças eu gostava de ganhar presentes, mas ao se aproximar esta data tão especial eu já dormia com um brilho intenso no olhar, e quando eu acordava o meu olhar mantinha o mesmo brilho, eu já acordava sorrindo, um doce e leve tremor de alegria tomava conta do meu corpo.

Eu costumava ajudar a minha mãe a montar o que para mim era a mais linda árvore de natal, cheia de enfeites de várias cores e luzes piscando, e para nós duas todo aquele espetáculo era muito sagrado! Talvez por isso ao montar a árvore entoávamos canções natalinas que falavam a respeito do nascimento de Jesus. Entre uma pausa e outra aproveitávamos para combinarmos a minha apresentação, na peça de natal, na igreja que frequentávamos. Eu me enchia de alegria e desejava que o tempo parasse porque mesmo em meio a toda aquela simplicidade eu me sentia verdadeiramente feliz!

Pelo fato de eu ter nascido em uma família humilde, passei toda a minha infância sonhando com o natal em que a boneca que eu tanto desejava estaria logo ali, ao lado da minha cama, no pequeno quarto que dividíamos, eu e as minhas três irmãs, mas todo o Natal, a minha mãe meio desapontada dizia que a boneca que abria e fecha os olhos era cara demais para uma família pobre como a nossa ter como pagar o velho papai Noel, pois o mesmo deveria viajar muito longe, para uma fábrica bem distante, onde as bonecas eram

fabricadas, mas que eu ganharia uma boneca mais simples, de plástico, porém muito bonita, e pronto, eu já estava ansiosa aguardando pela boneca, e assim foram quase todos os meus natais, mas nem por isso o natal perdeu a magia, o natal para mim é sempre a época mais linda do ano, repito, não pelos presentes, mas pela energia boa que flui, porque parece que nestes dias que antecedem o natal o amor entre os seres humanos se torna mais forte, e a presença de Jesus também é sentida de maneira mais forte, porque Jesus é amor! O meu pai trabalhava no DAER (Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem), em um trator, abria muitas estradas, era funcionário do governo, a minha mãe era “Do lar”, como eu costumava ouvir sempre que chegava esta época, véspera de natal e eu a acompanhava até uma tradicional loja de tecidos, onde ela comprava tecidos para depois costurar nossos vestidos e cortinas, para o natal, a moça no setor de crediário perguntava:

— Qual a sua profissão? Ao que a minha mãezinha, a quem eu costumava carinhosamente chamar de “florzinha”, respondia:

— Eu sou dona de casa, e a crediarista replicava: — “do lar”; a senhora é “do lar”, a senhora não trabalha fora.

Neste instante a minha mente desfolhava para mim uma sequência de ações, cada qual mais bonita que a outra, ações que a minha mãe praticava diariamente, na simplicidade da nossa casa, em um bairro pobre, chamado Simões Lopes, onde moro até hoje, chegavam pessoas de vários lugares para receberem um benzimento, uma prece, quando ofereciam algum pagamento, ela nunca aceitava, pedia apenas que aquela pessoa apenas ajudasse alguém que estivesse precisando, poderia ser um prato de comida, um copo d’água, uma prece, mas que desse a mão ao outro, também remendou roupas, fez costuras sem cobrar, e quando alguém saía levando a roupa remendada, ela olhava para mim e para os meus irmãos e dizia:

— É tão bom a gente ajudar ao próximo.

Os anos passaram e aos vinte anos de idade e com novo sobrenome montei na minha humilde casinha a minha primeira árvore de natal, e continuei ajudando a minha mãe a montar a árvore, como sempre fiz, por amar a sensação de amor, aconchego e paz; que o natal traz.

Nos natais que se seguiram tornou-se uma tradição que eu e o meu esposo montássemos juntos a nossa árvore, depois passamos a montar a árvore natalina entre três, com a chegada da nossa filha Michele, após três anos estávamos em quatro, com a

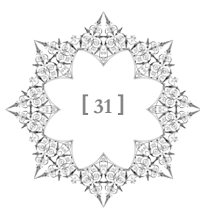
chegada da nossa filha Vanessa, e a tradição de montarmos a nossa árvore e também ajudarmos a minha mãe a montar a dela continuou, até que no ano de 2012 pela primeira vez a minha mãe não quis montar a tradicional árvore de Natal, o meu estranhamento foi tamanho que eu resolvi perguntar a ela o que estava havendo, disse que eu não estava entendendo, então bem serena e com muita convicção ela disse que naquele ano ela montaria a árvore para Jesus lá no céu, e realmente antes que terminasse o mês de novembro a minha mãe foi montar a sua árvore de Natal, lá no céu...

Mas como diz o atual ditado: Vida que segue, e nós familiares seguimos montando as nossas árvores de natal.

A nossa família foi aumentando, primeiro a chegada dos genros, Gustavo e Daniel e depois a chegada dos netos Barto, Romeo, Mariana e Joaquim, e em todos os natais e virada de ano nos reunimos, vencendo a distância que existe entre o nosso Rio Grande do Sul e o estado do Paraná.

No ano passado devido a insuficiência de vitamina B12 baixou a taxa de hemoglobina e eu passei o natal em um quarto de hospital, mas não passei sozinha, eu tive a surpresa de receber os meus quatro netos, minhas duas filhas, meus dois genros, o meu marido já estava lá comigo, tínhamos comidas, bebidas, tocas de Papai Noel, mas quando olhei para os lados, como a procurar pela árvore os meus olhos pela janela contemplaram as estrelas cintilando, no céu azul e então sorri, porque neste exato momento eu compreendi que naquela noite o céu com a beleza cintilante das estrelas era na verdade a nossa árvore de Natal, pensei quem sabe era esta a árvore que a minha “Florzinha” falara.

Este ano estaremos reunidos como sempre, em um dos lares, e muito unidos, iremos todos, até mesmo as crianças nos aproximarmos da árvore de Natal para fazermos uma oração por nós e pela humanidade, porque no Natal há sempre uma nova esperança, ou seja a esperança de que tudo melhore, as pessoas, as oportunidades e até nós mesmos. Pois no Natal é como o mundo estar fortemente conectado com o Divino.que a maldade irá desaparecer para sempre da face da Terra, e com ela o ódio, a fome, a intolerância, o preconceito, o feminicídio e as indiferenças, sejam elas quais forem. Amém!





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

FELIZ NATAL, CAUÊ

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record), pelo conto "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Colabora também com a revista LiteraLivre. Participou de quatrocentas e três antologias. Escreveu: "Limbographia", "Cinza no Céu", "Vozes e Ecos", "A Voz do Oceano" etc. E-mail: schimaroberto@gmail.com

Aproximava-se o Natal.

Época de comemorar.

De ceia.

De luzes.

De alegria.

De presentes.

Cauê alegrava-se também. Era um garotinho franzino de onze anos, e seu lado criança deslumbrava-se diante dos enfeites coloridos espalhados pelas ruas e lojas. Tudo ficava diferente: o ar, os prédios, as praças. Canções natalinas eram entoadas. As pessoas traziam semblantes mais leves em vez das fisionomias carrancudas de costume, principalmente quando notavam a sua presença ou ele se fazia notar:

— Moço, tem um trocado?

Em geral, era espantado como quem espantava uma mosca.

— Cai fora, moleque!

— Não tem o que fazer?

— Credo cruz, que cheiro!

— Meu Deus, trombadinha!

Alguns xingavam. Outros ameaçavam bater. A maioria fazia de conta que não era com ela ou que o menino não existia. Agora, porém, até se davam ao luxo de sorrir para a criança, remexer nos bolsos e dar uma ou duas moedas, sentindo-se humanos.

Sem dúvida, o Natal era uma época mágica para todos, até para o pequeno Cauê.

Certas coisas, contudo, não se alteravam: suas roupas continuavam imundas e esfarrapadas, seus pés calejados calçavam um par de chinelos gastos, diferentes em cor e tamanho para cada pé. O estômago reclamava sempre até quase doer. E, apesar do brilho infantil em seus olhos, quando se via refletido em alguma vidraça, o rosto que o encarava de volta trazia sempre um fundo de tristeza. Imaginava como seria se tivesse nascido numa família de verdade que o amasse e abraçasse, se morasse numa daquelas casas bonitas onde, através das janelas, avistava as famílias reunidas, sorridentes, ansiosas, na expectativa dos presentes que receberiam. Tinham as mesas fartas que faziam brotar uma angústia danada dentro dele. Observava as árvores de Natal enfeitadas, cheias de bolas, estrelas e neve de algodão. Nunca vira neve na vida, porém, conhecia demais o frio da madrugada.

Cauê caminhou horas a fio através das ruas da cidade. Parou em tudo quanto foi ponto de ônibus, bar, bancos de praça, diante de galerias. Conseguiu juntar várias moedas. Daria para comprar um pastel e até um refrigerante. Não seria a mesma coisa que um frango assado ou um peito de peru, mas, afinal, quando fora a última vez que comera uma galinha? Quanto ao peru, nem pensar.

Já era bastante tarde da noite quando o menino, vendo diminuir o tráfego nas ruas e o movimento nas calçadas, achou melhor retornar para debaixo do viaduto onde, num nicho forrado com papelão, fazia de lar.

Foi o tilintar das moedas que o traiu.

Um grupo de jovens portando canivetes nas mãos e maldade nas faces cercou-o.

— Ei, pivete, o que tem aí no bolso? — perguntou um deles.

Cauê, queria dizer que tudo o que tinha era um dia inteiro de pés doendo, um punhado de moedas que custara muito a juntar, um pedacinho do sonho de Natal que iria se realizar na forma de um pastel e um guaraná. Era tudo o que possuía no mundo, embora, se pudesse escolher, trocaria sem hesitar esse tudo por um sorriso sincero da mãe que jamais conhecera. Sem saber como explicar essas coisas, correu e correu. Entrementes, estava cansado demais por haver caminhado o dia todo e boa parte da noite. E as pernas deles eram mais compridas. Foi alcançado facilmente.

— Não devia ter fugido, pivete. Tome!

Sentiu a dor profunda do primeiro golpe e o contraste morno do líquido viscoso a escorrer de seu corpo na noite fria. Mal percebeu os que vieram a seguir, à medida que seu corpo caía perto da sarjeta.

Quando tornou a abrir os olhos, ficou confuso. Tentou se recordar de quem era, do que fazia e de onde estava. A dor no corpo havia passado. Os pés não doíam mais. Levantou-se e pôs-se a andar. Alguma coisa lhe dizia que não era o caminho certo, outra, no entanto, falava que estava tudo bem. Então, ele prosseguiu madrugada adentro.

Nada mais tilintava.

Num dado instante, algo atraiu a sua atenção.

— Que bonita! — murmurou.

De fato, era uma belíssima casa.

O imóvel estava tão iluminado quanto uma árvore de Natal. Algo branco cobria seu telhado e todo o quintal.

Cauê soube de imediato do que se tratava, por mais incrível que fosse.

— Neve!

Vinha música de dentro dela e foi ficando mais forte à medida que o menino se aproximava: "... *Noite feliz! Noite feliz!*..." O aroma da comida também. Carne assada, batatas e, apesar de não conhecer, ele soube:

— Peru!

Sua boca salivou.

Quando estava pertinho do portão, escutou as risadas. A felicidade era tamanha que quase podia ser apalpada. Apoiou-se no muro baixo de tijolos aparentes e olhou para a varanda. Embora não tivesse nada a ver com aquilo, seu coração se encheu de felicidade. A alegria que as pessoas no interior sentiam, ainda que não dirigida a ele, de algum modo, aqueceu-o da friagem da noite.

De repente, uma figura no quintal, saiu das sombras e se aproximou. Era enorme.

Cauê se sobressaltou, pulando para trás. Preparou-se para ser enxotado. Todavia, ao ser iluminado por uma lâmpada próxima, a criança soube imediatamente de quem se tratava. Era um homem velho, gordo e grisalho, de trajes vermelhos e porte distinto.

— Papai Noel!

Ainda que fosse somente uma pessoa fantasiada como aquelas postadas diante das lojas, não se importou. Na sua inocência, sorriu. Afinal, eram alguns segundos de magia, por mais diáfanos que fossem.

Para sua surpresa, em vez de ser mandado embora, o velho abriu o portão e falou:

— Oh! Oh! Oh! Pode entrar, estávamos a sua espera.

Cauê franziu a testa. Como assim?

Papai Noel continuou a fitá-lo. Naquele olhar, havia todo o amor que a criança nunca conhecera.

Foi quando Cauê, finalmente, reconheceu a casa.

Talvez fosse a configuração da varanda ou a disposição das pedras no jardim. Quem sabe, a estátua de um anjo sobre a fonte. Não percebera antes porque o local estava muito diferente. Era uma mansão abandonada. Dizia-se que um homem muito rico e mesquinho residira nela e nela morrera sozinho em uma outra noite de Natal, muito tempo atrás. Desde então, a propriedade deteriorara-se com o tempo: o telhado ruíra, o mato tomara conta, fora pichada, sofrera depredação e pilhagem.

Mas não podia ser a mesma casa que ora admirava. Cauê passara em frente à mansão abandonada no dia anterior. Nada no mundo conseguiria reformá-la e prepará-la

para o Natal num único dia... Muito menos cobri-la de neve! Sim, gelava seus pés. Também se deu conta de alguns rostos na janela. Eram familiares. Lá estava o Tico, outro garoto órfão, que fora atropelado. O Seu Miguel, antigo jornalista, vítima de um ataque cardíaco. A Dona Dora, proprietária de uma doceria de esquina, que às vezes dava-lhe algumas balas de goma, morta num assalto. E outros mais.

Papai Noel ajoelhou-se para ficar da altura do menino. Sua voz soou calma e gentil.

— Estamos a sua espera, Cauê. Seja bem-vindo.

Depositou as mãos rechonchudas nos ombrinhos magros.

Então, em meio às lágrimas, o menino compreendeu. Sua mão direita foi em direção à barriga, onde recebera a primeira canivetada. Virou a cabeça para a esquerda, da direção de onde viera.

O cimento úmido da calçada brilhava, refletindo as luzes dos postes.

Ao longe, perto do viaduto, estava o pequeno e frágil corpo de Cauê caído na sarjeta. Manchas escuras se destacavam das roupas puídas. Mas no rosto, a expressão era de absoluta paz.

Não havia mais frio.

Não havia mais fome.

Não havia mais tristeza.

Não havia mais angústia.

Sequer existia mais a tortuosa saudade de algo que não saberia dizer o quê. Um vazio em seu peito. Uma fome que não era de comida. Um tipo de abismo.

Tudo, tudo ficou para trás.

Papai Noel — o verdadeiro — sorriu, trazendo o menino.

— Venha, Cauê, venha... Feliz Natal! Oh! Oh! Oh!

O menino subiu a escadaria de mármore em direção à ceia e aos presentes que o aguardavam. Sentiu-se leve feito uma semente de dente-de-leão. No último degrau, foi recebido por inúmeros olhares afetuosos e abraços repletos de um carinho tão sonhado.

E a música tocou e tocou sob um céu escuro polvilhado de estrelas:

*Noite feliz! Noite feliz!
o Senhor, Deus de amor,
pobrezinho nasceu em Belém.
Eis, na lapa, Jesus, nosso bem!*

Dorme em paz, ó Jesus!
Dorme em paz, ó Jesus!
Noite feliz! Noite feliz!
Oh! Jesus, Deus da luz,
quão afável é teu coração
que quiseste nascer nosso irmão
e a nós todos salvar!
e a nós todos salvar!
Noite feliz! Noite feliz!
Eis que, no ar, vêm cantar
aos pastores os anjos dos céus,
anunciando a chegada de Deus,
de Jesus Salvador!
de Jesus Salvador!

NOTA DO AUTOR:

A canção "Noite Feliz" (do original *Stille Nacht*) foi escrita pelo padre católico Joseph Mohn; e a melodia, composta por Franz Xaver Gruber, ambos austríacos, em 1818. A versão em português é datada de cerca de 1912, de autoria do Frei Pedro Sinzig. Fontes:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Noite_Feliz

<http://www.memoriarondonense.com.br/atualidades-single/frei-pedro-sinzig-o-tradutor-de-noite-feliz/65/>

O conto foi originalmente publicado em 2021 na antologia "Natal... Sempre Natal", Brecci Books, organizada por Rozz Messias.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

CORAÇÃO DE MADEIRA – A CANÇÃO DO NATAL ESQUECIDO

**(UM CONTO SOBRE MEMÓRIAS, UNIÃO E O
VERDADEIRO ESPÍRITO DO NATAL)**

POR ROMÃZINHA MARIA

Romãzinha Maria, cidadã portuguesa, neste conto partilha algumas das suas vivências natalinas da sua infância. Em jeito dedicatória escreve: “Dedico este conto a todos os que, como eu, guardam no coração o som das pequenas coisas de uma infância humilde e feliz: o riso das famílias, o cheiro do pão quente e das broas a sair do forno a lenha, os passeios pelos campos à procura de musgo para fazer o presépio, a curiosidade de encontrar prendas escondidas algures num velho armário ou arrecadação e aquela esperança que o Natal nunca deixa morrer. Para todos os Natais que continuam a tocar dentro de mim, mesmo quando o tempo parece querer silenciá-los. A quem ainda acredita que uma canção, um abraço ou uma lembrança podem acender de novo a estrela do Natal.”

I

Na velha casa caiada de branco, no largo da aldeia, o vento de dezembro batia nas janelas como quem pede licença para entrar. Era uma noite fria, daquelas em que o silêncio se mistura com o cheiro da lenha e o estalar do lume na lareira.

A tia Joana, como era carinhosamente chamada por todos, já com o cabelo branco como a geada do campo, mexia num baú de madeira que não abria há muitos anos. Procurava as toalhas de linho da sua avó para a mesa da consoada, mas encontrou algo que a fez parar o gesto — uma pequena caixinha de música, coberta de pó e de tempo.

Era feita de madeira escura e tinha um anjinho pintado na tampa. Quando a tia Joana a abriu, um tilintar delicado encheu o ar — uma melodia antiga, trémula, mas viva, como uma recordação que volta devagarinho. Foi essa canção que, em tempos, embalara as noites de Natal da sua infância, quando a família ainda se reunia inteira, quando a mesa era simples, mas os corações cheios de tudo o que nenhum dinheiro poderia comprar.

Enquanto a música tocava, ti Joana sorriu ao mesmo tempo que umas lágrimas de saudade e de felicidade teimavam em cair pelo seu rosto. Recordou-se do pai a chegar com lenha ao ombro, da mãe a tirar o pão quente do forno, das crianças a correrem pela cozinha, das vozes que cantavam ao Menino Jesus na capela iluminada a velas.

Mas agora... as ruas da aldeia estavam mais vazias. Os jovens tinham partido para a cidade, e o Natal tornara-se, para muitos, uma pressa de presentes e fotografias.

A tia Joana pousou a caixinha sobre a mesa. “Talvez ainda haja tempo”, murmurou, como se falasse para o próprio Natal. E decidiu que naquele ano, em vez de esperar pelos filhos, iria chamar a aldeia de volta, com música, com sopa quente e, melhor que tudo, com histórias antigas.

II

Na manhã seguinte, a tia Joana levantou-se cedo. A geada cobria o quintal como açúcar em pó, e o céu, meio rosa, prometia um sol envergonhado mas cheio de promessas. Na mesa, a caixinha de música esperava, silenciosa, mas parecia olhar para ela, como se tivesse algo a dizer-lhe.

A tia Joana pegou nela com cuidado e colocou-a no parapeito da janela. Ao rodar a pequena manivela, a melodia voltou a encher a casa, subindo pelas paredes, saindo pela porta aberta.

Lá fora, o som espalhou-se pela rua deserta, atravessando o ar frio, até chegar ao forno da tia Joana, onde o pão cozia e o cheiro se misturava com a canção. A mulher ergueu a cabeça, limpou as mãos ao avental e sussurrou:

— Santo nome de Deus... há anos que eu não ouvia esta música.

No largo, o primo Francisco, que varria as folhas caídas junto à fonte, parou o trabalho. Reconheceu também aquela melodia e sentiu um nó na garganta. Recordou o tempo em que as crianças batiam às portas a cantar “Ó meu Menino Jesus”, e ele lhes dava figos secos ou nozes e um grande e aconchegante sorriso.

Ao longo do dia, o som parecia levar cada pessoa a uma lembrança boa. Uns falavam dos Natais de antigamente, outros decidiram acender de novo as luzes no presépio esquecido. Até as crianças, que mal sabiam o que era cantar ao Menino, entusiasmaram-se em aprender as canções com os mais velhos.

E assim, sem planejar, a aldeia começou a transformar-se. O largo encheu-se de vozes alegres, o forno de cheiros adormecidos, as casas de risos contagiantes. Quando o sino da capela tocou as seis badaladas, a tia Joana saiu com a caixinha nas mãos, como se segurasse um tesouro muito frágil.

Colocou-a no pequeno muro que rodeava o velho freixo, no meio do largo, sobre uma toalha bordada, e ali deixou que tocasse. As pessoas foram-se aproximando, uns com mantas, outros com bolos ou a cafeteira com chá quentinho acabado de fazer, outros apenas com o coração aberto. Ninguém falava alto porque os olhares rasos de lágrimas diziam o que a boca não conseguia dizer em palavras. Apenas ouviam. E cada nota parecia limpar um pouco do esquecimento que o tempo deixara.

A tia Joana olhou em redor e viu rostos iluminados pelo fogo da fogueira que ardia no largo. Não eram todos os de antes, mas o espírito era o mesmo, aquela vontade simples de partilhar o pouco que se tem e de acreditar que o amor ainda mora ali.

III

O frio da noite apertava, mas ninguém parecia senti-lo. À volta da fogueira, a aldeia inteira reunia-se como há muito não acontecia. As labaredas dançavam, refletindo-se nas janelas e nos olhos das pessoas. A caixinha de música, agora o centro das atenções, continuava a tocar sem parar e, estranhamente, não parecia precisar que lhe dessem corda novamente. Era como se estivesse cheia de uma nova energia ou então mãos invisíveis o fizessem.

As crianças sentaram-se em roda, fascinadas com toda aquela magia. Uma delas, a pequena Inês, perguntou baixinho:

— Ó Ti Joana... como é que a música sabe voltar sozinha?

Joana sorriu, com aquele ar encantado e meigo:

— Olha minha pequenina, talvez seja o Natal que a ajuda — respondeu. — Ou quem sabe sejam as lembranças de todos nós a fazê-la girar outra vez.

O Tio Alfredo trouxe castanhas assadas; a tia Maria, um tabuleiro de filhós ainda quentes. A cada partilha, o ar parecia mais leve, mais cheio de algo invisível — uma alegria antiga, silenciosa, mas profunda.

Quando a meia-noite se aproximou, as badaladas da capela ecoaram por entre os vales e montes. As pessoas abraçaram-se e deram as mãos, umas às outras, sem dizer palavra. Só se ouviu a caixinha, e o vento a passar por entre as casas e os eucaliptos, levando a melodia até onde o som podia alcançar.

E foi então que aconteceu algo que ninguém soube explicar mas que deixou marcas para sempre.

Uma estrela, mais brilhante que todas as outras, surgiu por detrás da velhinha escola primária e pareceu deter-se por um instante sobre o largo. A luz tocou a tampa da caixinha, e um brilho suave percorreu o anjinho pintado. Por um momento, todos sentiram que o tempo parava, que o passado e o presente estavam, também eles, de mãos dadas, e que o verdadeiro Natal, aquele que vive no coração dos homens e não nas montras e nas vitrines ricamente decoradas, estava ali, de novo, entre eles.

A tia Joana olhou em volta, com os olhos marejados e a voz embargada de tanta emoção:

— Estão a ouvir? — murmurou com receio de calar a melodia. É o som daquilo que nunca se devia ter perdido. Mas ainda estamos a tempo de o recuperar.

Todos acenaram que sim com a cabeça e trocaram olhares de cumplicidade e de compromisso de que assim seria dali para a frente. Não voltariam a deixar morrer algo tão especial, único e grandioso em toda a sua simplicidade.

IV

Na manhã seguinte, a aldeia acordou envolta num silêncio doce. A neve fina tinha voltado a cair durante a noite, cobrindo os telhados e os caminhos. Era como se o mundo tivesse sido embrulhado num manto de paz.

Tia Joana abriu a porta e ficou a olhar o largo. No centro, a fogueira já se apagara, restando apenas umas poucas brasas e a caixinha de música, coberta por um fino véu de neve, continuava ali, onde a tinham deixado propositadamente. Aproximou-se devagar, com o coração apertado mas, quando lhe tocou, percebeu que ainda estava morna. A tampa abriu-se sozinha e, mais uma vez, a melodia começou a tocar.

Desta vez, a música soava diferente: mais suave, mais clara, quase como um sussurro. Parecia despedir-se. Ti Joana sentou-se no muro de pedra e ouviu até à última nota. Quando o som cessou, sentiu que a aldeia inteira respirava em unísono, como se cada alma, à sua maneira, tivesse acordado de um longo inverno.

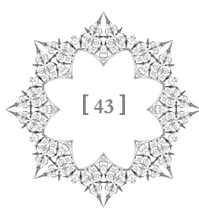
Nesse mesmo dia, as pessoas voltaram a visitar-se. As crianças correram de casa em casa, levando broas e canções. Os vizinhos acenderam velas nas janelas, e até os sinos da capela pareciam tocar com um som mais alegre. A notícia espalhou-se e todos diziam que tinha sido a música da caixinha a trazer de volta o espírito do Natal, aquele sentido de Natal dos tempos antigos, esquecido para o mundo mas vivo no coração e nas memórias de cada um.

Após a festa da Espera dos Reis Magos, Ti Joana colocou a pequena caixa num pequenino quadradinho de linho e colocou-a sobre a lareira. Não para a esconder, mas para que lembrasse, todos os dias, o poder simples de uma melodia, de um gesto, de uma memória partilhada.

Alguns anos mais tarde, quando a Ti Joana já tinha partido, feliz e em paz, a casa foi herdada pela neta Inês. Era véspera de Natal quando ela, ao limpar a sala, viu a velha caixinha coberta de pó, no lugar onde sempre tinha estado desde aquele memorável dia. Abriu-a com cuidado e, ao som das primeiras notas, sentiu o mesmo calor que a avó sempre descrevera, como se o coração da aldeia voltasse a bater dentro daquele pequeno objeto.

Inês sorriu. Lá fora, o vento trazia risos e vozes, e o cheiro a pão quente misturava-se com o frio que vinha dos lados da serra. Então, fez o que a avó fizera: abriu as janelas, deixou a música sair e espalhar-se pela rua.

E assim, ano após ano, a melodia continuou a tocar, lembrando a todos que o Natal não mora nas luzes nem nos embrulhos, mas no som suave das coisas simples, no calor das memórias, e na esperança que renasce sempre, como a primeira estrela da noite.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SONHOS DE NATAL

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

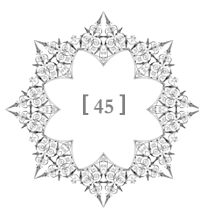
De Natal? Tive muitos...
muitos sonhos. A criança
em mim... com a mais
linda boneca, sonhou.

E ao crescer... com os
mais belos sapatos
e roupas... e casas e carros
confortáveis... pelo menos.

Na adolescência... com o
príncipe encantado... num
castelo francês... no *Loire*.
E o "felizes para sempre".

Mas o Natal revelava-se
na festa... de todos...
para poucos, opulência...
para a maioria... um mínimo.

E, nas manhãs que se seguiam,
a luz apagava-se... por um ano.
Para depois novamente luzir...
no próximo sonho de Natal.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A VELA DE NATAL

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Fabricada com cera de qualidade duvidosa, formatada sem capricho, uma pequena vela saiu do seu sonho puramente material, numa noite escura e fria, quando uma estrela cadente caiu por perto e iluminou intensamente aquela janela que se localizava perto dela, direcionando-lhe um raio de luz. Era época de Natal. A vela então tomou consciência, sentindo querer ter vida própria.

E no final do ano seguinte, talvez por frequente falta de luz devido aos desastres decorrentes do mau tempo ou porque chegava o Natal, deu-se uma escassez geral de velas e a pequena e desajeitada vela, já desgostosa de ser deixada de lado, foi agraciada - porque os céus brincam com todos, principalmente naquela época especial.

Num canto da loja, uma jovem mulher a notou. Levou-a para casa, mas devido à simplicidade da vela, resolveu decorá-la. Seria uma vela de enfeite, decidiu. Colocou-a num belo castiçal de cristal trabalhado; envolveu a metade inferior da vela com renda cor-de-rosa, em forma de saiotê; cobriu acima deste, com um cone de veludo carmim, virado para baixo; na ponta superior, encaixou um chapéu azul marinho de onde saía uma minúscula pena esbranquiçada da parte lateral externa da copa e da sua face interna pendiam pequenos cachos acastanhados de cabelo sintético. E o "rosto" como seria?

Pegou um conjunto de canetas de pontas macias, de cores variadas e começou: os olhos acastanhados; sobrancelhas delgadas e pretas; boca carmesim: dois minúsculos pontos como nariz; e bochechas levemente róseas, dando-lhe um semblante delicado e suave.

E a jovem artista olhou de todos os ângulos para a vela, que já não parecia uma vela, mas uma pequena boneca. Ela estava bonita. Colocou-a em cima do manto da lareira, da qual subia uma chaminé. E ficou satisfeita.

Chegou a véspera do Natal. Depois da meia-noite e com a sala escura, a pequena vela resolveu implorar ao Papai Noel, uma prenda para a vida toda, pois nada mais queria: ser transformada numa jovem mulher - afinal, adorara os adornos que recebera da jovem que a adquiriu e, de cima da lareira, passou a admirar todos os movimentos dela e os acontecimentos que se desdobravam à sua frente.

Quando o Papai Noel passou voando perto da casa, ouviu o suplício da vela e resolveu descer pela chaminé para tomar ciência da situação, pois não havia recebido cartas daquele endereço.

O Papai Noel entrou e de princípio, nada viu, pois a sala estava muito escura. Então a linda vela iluminou o ambiente, só pela sua energia, sem fogo. E agradeceu ao Papai Noel por tê-la ouvido. E novamente implorou ao Papai Noel para transformá-la numa jovem humana.

Papai Noel disse-lhe que este era um dos mais difíceis pedidos que recebera naquele ano, mas não seria totalmente impossível de ser realizado. Ele explicou-lhe também, que só receber a vida que tanto queria, não lhe traria conforto, uma casa, um emprego, comida e tudo o mais.

Mas, para não afetar a comunidade ao seu redor e principalmente, os moradores daquela casa, que tal ela, transformada numa jovem donzela, ir trabalhar junto a ele e demais trabalhadores, na fábrica de brinquedos de Natal, perto do Polo Norte?

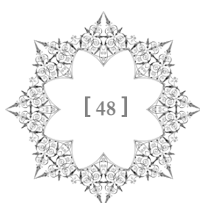
Assim, poderia fazer isso por anos, adquirir experiência e depois decidir se mudaria ou não de condições e lugar.

E a vela aceitou de imediato. A jovem donzela transformada, recebeu um nome – Maria. Passou a trabalhar para o Natal e todas as crianças que esperam pelo Papai Noel.

Na sua antiga casa, a jovem que a enfeitou, deu pela falta da vela decorativa sobre a lareira, vendo no lugar, uma simples e pequena vela mal-acabada. Mas não se importou. Achou que teria, talvez, sido um descuido de quem limpou a lareira, danificando a original e substituído por aquela que lá se encontrava. Faria novamente uma pequena "boneca" daquela vela.

A vela que adquiriu vida e tornou-se uma humana mostrou mais uma vez, a evidência da magia do Natal, que pode atender a todos os corações que pedem com sinceridade, humildade e fervor.

Ter fé é ter poder (dizem os crentes)!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

NATAL, BAILE DA GUIRLANDA DA VIDA

POR SILVANILDE MATOS

Silvanilde de Jesus Ferreira Matos Santos, nasceu em 06 de outubro de 1972, em Mirinzal – MA, mora em São Luís – MA. Mestre em Gestão do Ensino de Educação Básica /UFMA, Especialista em Mídias na Educação (UFMA), Educação Especial e Inclusiva/UFMA, MBA em Gestão Escolar (IBMEC/RJ), Graduada em Letras/UEMA. Publicou o livro: Borboletário de Poemas em 2022 (Viegas Editora); Coautora do livro: Uma escola que dialoga e se reinventa: memórias de um processo de autoformação em 2021 (Editora João e Maria).

É Natal...

Ligam-se as luzes do Natal,
A vida resplandece como uma doce oferenda,
E no coração germina afeto por toda a gente.

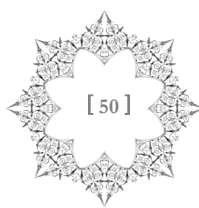
Céu estrelado, horizonte cintilante,
Elos divinos como estrelas do céu,
Faz-nos enxergar o outro lado da ponte,
Que outrora os olhos não contemplaram!

Natal Luz presente com laços de sentimentos,
Estrela da tessitura do melhor bordado da vida.
Natal lumiar de doação e tempo de escuta,
Natal das músicas das árvores familiares.

É Natal, a festa da Luz,
Da beleza do amor por Jesus.
Do abraço que acolhe o espinho e não o sente,
Do florescer do amor e da solidariedade.

Natal do abraço do irmão,
Natal, tempo de espiritualidade,
Das badaladas do respeito às diferenças,
Do acolhimento aos invisibilizados.

É tempo de Natal,
É tempo do baile da guirlanda da vida,
É tempo de renascer, reviver e perdoar e
Sempre é tempo da natividade e do amor.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

CONTUDO, CONTO NATALINO...

POR SOPHIA ODARA



Nascida em Assis, interior de São Paulo e sempre desejando sair para lugares maiores. Desde muito cedo seus escritos conduziram-na a lugares mais altos e a um "eu" que só encontrava nesses momentos e em cima do palco. Sua primeira formação foi em Comunicação social com habilitação em Jornalismo. Mas, depois da colação, quis reencontrar artes cênicas e seguiu sozinha para o Rio de Janeiro. Lá cursou teatro e cinema. Voltando a São Paulo, tornou-se professora de Língua Portuguesa. É mestra e doutoranda em Educação.



É noite de outubro ainda e algumas lojas já mudaram suas vitrines para o tema: “Natal”. Cedo, não? É o que pensa de imediato. Até que em alguns dias passando em frente dessas mesmas lojas você comece a ficar incomodado porque no prédio da frente contou cinco apartamentos enfeitados com suas luzinhas amarelas, brancas, coloridas, piscantes ou paradas, enquanto o seu precisando de, pelo menos uma faxina. Pensa... faz tão pouco tempo que guardou sua árvore de Natal... o Carnaval não acabou a tanto tempo assim...

Para quem não tira os enfeites natalinos tradicionalmente no dia 6 de janeiro ou, ao mesmo, até o fim do primeiro mês, meados de novembro ainda é cedo para preparações de Natal. Se bem que já comprei a toalha da mesa, deixei em algum lugar... Ah! Está na cadeira do quarto esperando o seu momento. Ano de 2026 é dela!

Mas, se não tenho vocação para seguir calendários, por que a cada luzinha que se acende nos prédios avistados da sacada vou me retorcendo? Até que não aguento: “Amor, você não vai colocar as luzes de Natal?”. “Oi?” para de lavar a louça para me responder. Do cercadinho do meu filho que acaba de fazer um ano respondo: “Quando você vai arrumar a casa para o Natal? Já tem cinco sacadas enfeitadas...”. “Amada... olha quantas sem...”

Fico pensando, seria esse o propósito dos meus vizinhos? Tumultuar o meu lar? “Á – gua!” – meu filhinho que acabou de aprender a falar “água” me lembra que há outras prioridades... estou ainda pensando quando num ritmo acelerado e mais alto recomeça: “Água! Água! Água!”. Dou o copinho de água dele e volto a olhar as sacadas alheias.

Só aqui no prédio tem três recém-nascidos, três bebês de mais de um ano e quatro bebês de alguns meses. Acenderão suas sacadas também? Eu continuo de camisola em casa e tenho dificuldade para dormir porque meu filhinho ainda acorda para mamar nas madrugadas e só dorme no peito...

Sim... sim... já tentei o treinamento do sono... e não, não tenho rede de apoio, além do meu esposo, pai dele. Se trabalho? No momento estou trabalhando nesse conto enquanto dou o almoço ao meu filho, paro entre uma colherada e outra para escrever. Mas, se considera ser mãe um trabalho, exerço-o voluntariamente.

Desculpa, leitores. Estou com sério problema de esquecimento. Meu psiquiatra diagnosticou como “pseudodemência depressiva”. Onde estava? Vou ler aqui em cima. Ah, sim... então, as luzes alheias...como podem mexer assim comigo? Seria esse o Natal contemporâneo? Se acelerar ainda mais para que não passe, antes, de poder recebê-lo? Sempre haverá supermercados lotados na sua véspera, apesar do esforço em se organizar com antecedência.

Receber o Natal não tem sido tarefa fácil. Natal é nascimento para paz, amor e perdão. E como vivermos isso sem parecermos hipócritas? Falta de tempo e o excesso de afazeres para a manutenção de uma sociedade acelerada para produções em série, têm feito-nos tão iguais e tão distantes.

E não vai demorar muito para a cantora Simone vim com sua música pelos veículos de comunicação em massa: “Então, é Natal... e o que você fez?”. A pergunta mais atual seria “o que você não fez?” ou “o que você deixou de fazer e firmou não mais repetir?” Qualquer uma delas me angustia nesse momento...

Parece que quando soa os primeiros acordes anunciando o Natal é encanto no começo, mas, depois uma tormenta com batuques frenéticos que só vão descansar no dia 26 de dezembro. Até que tudo ocorra “harmoniosamente” há correria e anseio de não dar tempo.

Talvez, alguns privilegiados terceirizam serviços, mas os relacionamentos humanos ou a falta deles em algum momento serão encarados e geralmente, nessas datas maiores se revelam.

Há também ausências que serão ainda mais sentidas...

Paradoxalmente, o Natal traz a divisão. E isso é fácil entender... realidades distintas da nossa sociedade vem à tona nesse momento. Tem quem entre de férias exaurido tem quem não tirará férias... têm os que passarão trabalhando... têm os na insegurança do desemprego... têm os que contratarão bufê...têm os que cozinharão a compra farta que fizeram com o 13º salário... têm os que garantirão sua cesta básica... têm os que receberão doações... e têm os que continuarão pedindo como qualquer outro dia...

Geralmente, a parada de Natal, aos que podem parar, é depois de muita corrida. Quantos chegam exaustos e irritados para a ceia... Há um superaquecimento do mercado e quase sempre damos nossa parcela de contribuição.

Muitas vezes, exageramos e aí vem além da canseira, a preocupação com os gastos excedentes.

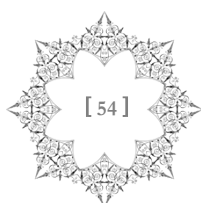
Enfim, Natal. Que misto de emoções com espaços de silêncio e verdadeira paz a quem ainda for capaz de se concentrar.

A cada ano uma nova configuração das nossas vidas. Já houve Natais em que desconhecia velórios e em outros estávamos de luto. As memórias natalinas estão na construção do nosso ser. Ano passado era eu, meu esposo e nosso filho recém-nascido... dessa vez, estará com um aninho...

Acho que o Natal é uma ocasião para vivermos encontros da maneira que estamos e somos até ali. Que o vivamos. Nada de idealismos e esforços por irrealidades. Estejamos como estamos e acompanhados por quem nos acompanha.

Há quem deva ir, ficar e chegar. Vivam o Natal ímpar: o seu. Sem padrão a ser seguido. Há encontros de vidas como estão a ser feitos em torno da paz e amor. Se assim não for, vá para onde haja Natal. Sentirá.

Feliz Natal!



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI